



## PERFIL DE PESSOAS ASSISTIDAS EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: HÁ DIFERENÇA EM SER UM OUVIDOR DE VOZES?

ISABEL MACHADO NEUTZLING<sup>1</sup>; CAMILA IRIGONHÉ RAMOS<sup>2</sup>; THYLIA  
TEIXEIRA SOUZA<sup>3</sup>; ROBERTA ANTUNES MACHADO<sup>4</sup>; LIAMARA DENISE  
UBESSI<sup>5</sup>; LUCIANE PRADO KANTORSKI<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [isabelneutzling@gmail.com](mailto:isabelneutzling@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [mila85@gmail.com](mailto:mila85@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [thyliatsouza@gmail.com](mailto:thyliatsouza@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – [roberta.machado@riogrande.ifrs.edu.br](mailto:roberta.machado@riogrande.ifrs.edu.br)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – [liaubessi@gmail.com](mailto:liaubessi@gmail.com)

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – [kantorskiluciane@gmail.com](mailto:kantorskiluciane@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A audição de vozes acompanha a história da humanidade. Contudo, principalmente, a partir da Idade Moderna, passa a ser considerada como um sintoma de adoecimento psíquico (FOUCAULT, 1978). No final da década de 80, Patsy Hage, uma ouvidora de vozes, diagnosticada com esquizofrenia, com ideação suicida, usava medicação e mesmo assim seguia ouvindo vozes. Marius Romme considera suas inquietações quanto às vozes e passa a concordar com Patsy, que as vozes são reais a quem as ouve (INTERVOICE, 2019).

Romme a orienta a buscar outras pessoas que viviam também essa experiência da audição. Para isso, participaram de um programa televisão para divulgar essa compreensão e durante o mesmo receberam ligações de outras pessoas que vivenciavam o mesmo fenômeno, onde muitas delas nunca tinham acessado o serviço de saúde para aprender a lidar com essa experiência. Essa iniciativa impulsionou a criação do *International Hearing Voices Movement* (Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes) – Intervoice (BARROS, SERPA JÚNIOR, 2014).

O movimento Intervoice entende a audição de vozes como uma manifestação humana explicada somente por quem a vive, o que difere de outros discursos sobre a mesma, como o da psiquiatria, o biomédico, o místico-religioso. Além disso, as variações culturais são influenciadoras na relação que o ouvidor estabelece com as suas vozes, apresentando que esta experiência pode ser modificável (INTERVOICE, 2019; LUHRMANN et al, 2015).

Reconhece-se que em alguns momentos a escuta de vozes pode estar relacionada ao sofrimento psíquico, pois a audição não está desassociada do vivido, seja de traumas, modos, contexto ou condições de vida, e também depende de como quem ouve a vive. Mas, que na proporção de uma pessoa para três que ouvem vozes, uma faz uso dos serviços de saúde mental e duas convivem bem com suas vozes (BAKER, 2016). Logo, não pode ser considerado como um sintoma, pois esta aceção se assenta em um discurso universalista fundado na ciência moderna.

No Brasil, muitas pessoas que vivem nessa situação, principalmente as com experiência de ouvir vozes negativas, acessam a rede de atenção em saúde mental e nesta, os Centros de Atenção Psicossocial – CAPS. Destinam-se a públicos diversos, como adulto, infantil, usuários de álcool e outras drogas



(BRASIL, 2017). Nestes serviços, a pessoa para ser assistida acaba recebendo um ou mais diagnósticos a partir do saber da biomedicina psiquiátrica.

O movimento Intervoice propõe outras abordagens na relação com as vozes, que facilitam processos para que as pessoas consigam conviver com as mesmas. Porém, a maioria dos serviços de saúde tende a silenciar as vozes, pois há uma concepção de que estimular a pessoa a falar sobre essa experiência, as vozes tenderão a se intensificar com piora do estado de saúde mental da pessoa (INTERVOICE, 2019; CORSTENS; ESCHER; ROMME, 2008).

Essa nova abordagem em saúde mental considera os indivíduos que tem na sua experiência de vida a audição, como expertises por experiência. Contribui para evitar a redução da pessoa a sintomas, a patologização e medicalização dessa sua experiência, da cronificação do sofrimento psíquico, como ocorrem sob a perspectiva do modelo tradicional em formas de segregação, contenção física e química e tutela dessas pessoas ouvidoras.

Deste modo, este estudo descreve a população assistida em um Centro de Atenção psicossocial II e o perfil das pessoas que tem em sua história de vida a experiência da audição de vozes.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, documental, recorte da pesquisa 'Ouvidores de vozes: novas abordagens em saúde mental' desenvolvida em um Centro de Atenção Psicossocial II no município de Pelotas/Rio Grande do Sul. Foram consultados os registros em prontuários, na íntegra, de todos (as) os (as) usuários (as) assistidos (as) no CAPS, obtendo um total de 389, no período de setembro de 2017 a maio de 2018. Destes, 181 apresentavam informações sobre a audição de vozes.

O estudo descreve a população em geral assistidas no CAPS e o perfil dos (as) ouvidores (as) no que se refere às variáveis: sexo, idade, escolaridade, fonte de renda, estado civil, com quem reside e diagnóstico.

Foi utilizado como instrumento de coleta das informações um questionário sobre características sociodemográficas, situação de saúde mental e terapêutica de cuidado. Foram considerados como critérios de inclusão – estar frequentando o serviço de saúde mental, e não houve critérios de exclusão.

Os dados foram digitados no programa Excel, analisados nos Stata 11.0. O nível de significância estatística foi de  $p < 0,05$ . Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, sob o parecer consubstanciado nº 2.201.138 de 2017, e seguiu todos os preceitos éticos conforme a Resolução 466/2012.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisou-se 389 registros de prontuários de usuários ativos no serviço de atenção psicossocial. O perfil destes usuários com relação ao sexo foi de 245 mulheres (62,98%) e 144 homens (37,02%). A média de idade encontrada foi de 47,7 anos (DP = 12,5), variando dos 19 aos 86 anos. A fonte de renda com maior prevalência foi auxílio ou benefício pago pelo estado (60,5%), seguido da renda de familiares (22,1%). Somente 17,4% estava ocupando um posto de trabalho remunerado. Mais de 40% morava com companheiro(a) e aproximadamente 30%



dos usuários eram solteiros, a menor prevalência (27,6%) foi a de viúvos ou divorciados. A depressão (36,6%) foi o diagnóstico mais frequente, seguido de esquizofrenia (25,1%), retardo mental (14,33%), bipolaridade (10,5%), outros transtornos neuróticos (8,3%) e outros transtornos não especificados (5,2%). 141 usuários apresentaram escolaridade de até 4 anos (59%)

Dentre os 389 usuários, verificou-se que 181 (46,53 %) apresentavam o registro da escuta de vozes. Destes, 116 (64,1%) eram mulheres e 65 (35,9%) homens. A idade com maior prevalência foi na faixa de 51 a 60 anos (31%), seguido de 41 a 50 anos (29,6%). Com relação a fonte de renda, 65% dos ouvintes recebia auxílios ou benefícios pagos pelo estado, e mais de 60% apresentaram escolaridade de até 4 anos de estudo. Mais de 40% morava com companheiro/a. O diagnóstico mais prevalente foi a depressão (36,84%) seguido da esquizofrenia (30%). Porém 57% das pessoas com esquizofrenia tem registro de escuta de vozes, enquanto que 47% das pessoas com depressão tem o mesmo registro.

De acordo com uma pesquisa realizada no CAPS de Rio do Sul/SC, a prevalência de pessoas assistidas é de homens (53%), idade entre 40 e 59 anos (54%). Sobre com quem mora, 68% vive com os pais, filhos e/ou companheiros. Quanto à escolaridade, 48% possui ensino fundamental incompleto. A fonte de renda mais prevalente foram benefícios públicos (pela Lei Orgânica de Assistência Social, auxílio doença e aposentadoria), 46%. Os diagnósticos em 47,8% foram de Transtornos do Humor (LUZ; CAETANO, 2016). Há semelhança nos estudos em relação à idade, com quem mora, escolaridade e fonte de renda. Em contrapartida, o sexo e os diagnósticos prevalentes foram diferentes no CAPS pesquisado.

De acordo com Kantorski (2018), em uma pesquisa realizada com ouvintes de vozes que participavam do I Congresso Nacional de Ouvintes de Vozes no Brasil em 2017, o perfil prevalente está entre homens, de 51 a 60 anos, solteiro, com ensino médio completo e com emprego formal. Pode-se perceber que se diferencia em alguns aspectos do perfil de ouvintes do Centro de Atenção Psicossocial em estudo. Em sua maioria, a prevalência era do sexo feminino, com escolaridade baixa (ensino fundamental incompleto), desempregadas, auxiliadas por políticas públicas de proteção social.

Neste estudo, as pessoas ouvintes somam 46% do total das assistidas e entre as mesmas há diferença de perfil na média de idade, ouvintes 55,5 anos e a média geral de 47,7 anos.

Estudo sobre o perfil epidemiológico dos usuários da rede de saúde mental do município de Iguatu, CE, no CAPS adulto, apresentou média de idade de 42 anos (CARVALHO et al, 2010). Difere da população geral assistida no CAPS desta investigação (47,7 anos) e as pessoas ouvintes somam 46% deste total, com média de idade de 55,5 anos. Pesquisa sobre o perfil de usuários atendidos no Centro de Atenção Psicossocial de Barbacena, mostrou que 28,8% apresentavam quadro psicóticos, em que se neste percentual houve audição de vozes, tende a ser considerada como alucinação, sintoma (BAUER et al., 2011).

#### 4. CONCLUSÕES

Com esta pesquisa é possível concluir que o perfil de usuários ativos no Centro de Atenção Psicossocial não difere em relação a quem escuta de vozes,



que representam quase a metade dos usuários atendidos. O trabalho contribui para estudos sobre o perfil de usuários assistidos em CAPS, e dentre estes, dos que ouvem vozes. O estudo colaborou com a iniciação científica na formação acadêmica como forma de reconhecer a audição de vozes como uma experiência humana, dado que o perfil entre uma população e outra não diferiu.

Este estudo inovou ao apresentar o perfil de usuários assistidos em CAPS, e dentre estes, dos que ouvem vozes, dado que são poucas as investigações que se ocupam deste público nos serviços de saúde. Pode ainda contribuir para que outras abordagens possam ser consideradas no tratamento em saúde mental, desmistificar o preconceito e avançar na reforma psiquiátrica antimanicomial.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, Paul. **Abordagem de ouvir vozes**: treinamento Brasil. Trad.: L. F. Lansky. Marília, SP: Centro Educacional Novas Abordagens Terapêuticas -- CENAT, 2016.

BARROS, Octávia Cristina; SERPA JUNIOR, Octavio Domont. Ouvir vozes: um estudo sobre a troca de experiências em ambiente virtual. *Interface (Botucatu)* [online]. 2014, vol.18, n.50, pp.557-569. Epub July 18, 2014. Disponível: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832014000300557](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000300557)> Acesso em: 30 ago 2019.

BAUER, S. M., SCHANDA, H., KARAKULA, H. et al. Culture and the prevalence of hallucinations in schizophrenia. **Comprehensive Psychiatry**, 52, 319-325, 2011. Disponível:<<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0010440X10000787?via%3Dihub>> Acesso em: 30 ago. 2019.

BRASIL. Política Nacional de Saúde Mental. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/politica-nacional-de-saude-mental-alcool-e-outras-drogas>. Acesso em: 03 de set. de 2019.

CARVALHO, M. D. A., OLIVEIRA, H. E. S., RODRIGUES, L. V. Perfil epidemiológico dos usuários da Rede de Saúde Mental do Município de Iguatu, CE. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 337-349, ago. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762010000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762010000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 07 set. 2019.

FOUCAULT, M. História da loucura na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978.

INTERVOICE. The Internacional Hearing Voices Network. Disponível em: <<http://www.intervoiceonline.org/>> Acesso em 03 de set. de 2019.

Kantorski LP, Machado RA, Alves PF, Pinheiro GEW, Borges LR. Ouvidores de vozes: características e relações com as vozes. J. nurs. health. 2018;

LUZ, Heloísa; CAETANO, Cristiana; **PERFIL DOS USUÁRIOS DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS) DE RIO DO SUL/SC1**. 2016 [Online]. Disponível em:<<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Cristiana-Ropelatto-Caetano.pdf>> Acesso em: 30 ago 2019.